

Um problema para os avalistas

por William Salazar
de São Paulo

Os bancos centrais que compõem o Banco para Compensações Internacionais (BIS) poderão pagar os US\$ 400 milhões que o País deve à instituição, sediada na Basileia, se o Brasil não saldar o compromisso até dia 15, sexta-feira. Segundo representantes de bancos europeus, america-

nos, japoneses e fontes de bancos brasileiros, a declaração do presidente do BIS, Fritz Leutwiler, de que o banco central dos bancos centrais "espera" ser pago até sexta, é uma forma de pressionar Brasília e o Fundo Monetário Internacional (FMI), para que cheguem a um acordo.

O empréstimo-ponte do BIS ao Brasil foi avalizado pelos bancos centrais que o

integram. Assim, "se o BIS aciona as garantias, os BC pressionam o Brasil e o FMI para chegarem a um acordo", disse o representante de um dos principais bancos comerciais credores do País. Isto após consultar sua matriz e saber que as declarações de Leutwiler não constituem "nada de sério"; "são uma forma de Leutwiler manter uma forte pressão sobre o Brasil e o Fundo".

Outro representante de um banco de Nova York disse que, já em março, fontes do Tesouro americano o informaram de que os EUA só desembolsariam mais dinheiro ao Brasil se o País não pudesse pagar o BIS, justamente porque "os bancos centrais têm de ressarcir o BIS por serem avalistas do empréstimo feito aos brasileiros". Então, o que Leutwiler fez foi demonstrar aos avalistas que, como bom credor, está pressionando o devedor a pagá-lo. Se o devedor não pode fazê-lo, então o credor tem força moral para tratar direto com os avalistas, raciocina o representante.

"Estive com Leutwiler em março e ele deixou claro que as operações como a que foi feita com o Brasil são operações em que o BIS utiliza a liquidez dos bancos centrais associados. Então, o BIS não pode deixar de rever o dinheiro. Sua alternativa é gritar."

Todas as fontes consultadas acham improvável o BIS decretar o "default" (inadimplência) do Brasil, pois isso acarretaria uma reação em cadeia que comprometeria toda a estrutura do mercado financeiro internacional. "Se o BIS

decreta o 'default' do Brasil, é quase certo que todo o mundo tenha de seguir atrás", comentou uma fonte suíça. Uma fonte americana ilustrou: "O que significaria o 'default' do Brasil para, por exemplo, o Citibank? Significaria que, vamos dizer, o City teria de fazer previsões para empréstimos sem retorno que cancelariam seus lucros no ano passado e este ano. Ainda que o City não quebrassem, você pode imaginar que haveria uma corrida em Nova York".

Banqueiros e economistas ouvidos no Rio pelo repórter Riomar Trindade receberam com reservas e uma certa dose de apreensão a afirmação do presidente do BIS. Caso o BIS mantenha essa postura rígida e não role a dívida, o vice-presidente do Unibanco, Márcilio Moreira Marques, acha que o País terá, necessariamente, de recorrer a empréstimos não convencionais, "de formas transitórias", mas que "também não interessa aos credores brasileiros".

O economista Antonio Carlos Lengruber, do Boavista, entende que mecanismos políticos podem resolver o problema. A solução, para ele, está "num empréstimo emergencial como o do Fed (o banco central dos EUA)". Segundo Carlos Alberto Vieira, do Banco Safra, o Fed "é o maior interessado em preservar a estrutura dos bancos credores do Brasil", dando um empréstimo-ponte, que, apesar de já negado oficialmente, seria talvez a única alternativa para evitar o "default" do Brasil.